

FEITICEIROS DE ANGOLA NA AMÉRICA PORTUGUESA VÍTIMAS DA INQUISIÇÃO¹

*Luiz Mott**

RESUMO

O objetivo deste ensaio é divulgar duas dezenas de documentos inéditos que tivemos a ventura de encontrar no Arquivo Nacional da Torre do Tombo, em Lisboa, todos eles referindo-se à prática de adivinhação, cura e/ou rituais e cerimônias religiosas praticados por nativos do Reino de Angola, Congo e nações circunvizinhas, tanto em território africano quanto na diáspora negra em Portugal e no Novo Mundo. Contentamo-nos inicialmente em transcrever e comentar sumariamente tais manuscritos, já que preparamos trabalho mais abrangente baseado numa centena de práticas de “feitiçaria” incluindo outras etnias africanas. Que este “caminho das pedras” estimule outros pesquisadores a aprofundarem tal manancial até hoje pouco conhecido pela historiografia afro-luso-brasileira.

Palavras-chave: Inquisição. Feitiçaria. Reino de Angola. Documentos Manuscritos

1 QUIMBANDAS EM ANGOLA E NO BRASIL

Salvo erro, a primeira referência histórica à presença de um “feiticeiro”² do Reino de Angola no Brasil registrada na documentação inquisitorial remete-nos a um “quimbanda”, um dos mais destacados sacerdotes na religião nativa, “tido por deus da água e da saúde e sacerdote chefe do sacrifício”.

Em 1591, quando da primeira Visitação do Santo Ofício a Bahia, denunciou Matias Moreira, cristão-velho de Lisboa que Francisco Manicongo, sapateiro, escravo de Antonio Pires, morador abaixo da Misericórdia de Salvador, “tem fama entre os negros desta cidade que é somítigo³ e depois de ouvir esta fama, viu ele com um pano cingido, assim como na sua terra do Congo trazem os somítigos. Mais disse que ele denunciante sabe que em Angola e Congo, nas quais terras tem andado muito tempo e tem muita experiência delas, é costume entre os negros gentios trazerem um pano cingido com as pontas por diante que

* Doutor em Antropologia, é professor titular aposentado da UFBA, presta assessoria à FAPESP.

lhe fica fazendo uma abertura diante, os negros somítigos que no pecado nefando servem de mulheres pacientes, aos quais chamam na língua de Angola e Congo *quimbanda*, que quer dizer somítigos pacientes”. E tendo o dito denunciante visto ao cativo Manicongo trazer a veste dos quimbandas “logo o repreendeu também porque não trazia o vestido de homem que lhe dava seu senhor, dizendo-lhe que em ele não querer trazer o vestido de homem mostrava ser somítigo, pois também trazia o dito pano do dito modo. E depois o tornou ainda duas ou três vezes a ver nesta cidade com o dito pano cingido e o tornou a responder que não usava de tal, e já agora anda vestido em vestido de homem”⁷⁴.

Uma década anterior a esta clara referência da presença de um quimbanda na América Portuguesa, já em 1582 dispomos de outra interessante e não menos etnocêntrica informação sobre outro quimbanda atuando em sua terra nativa, comprovando a importância e o respeito consagrado a estes sacerdotes pela população tribal. Ao visitar o reino de Ndongo (atual Angola) o Padre Baltasar Barreiro, da Companhia de Jesus, informava a seus superiores que “na libata⁵ do soba Songa, achei aqui um grande feiticeiro que andava em trajes de mulher, e por mulher era tido sendo homem: a coisa mais feia e medonha que em minha vida vi. Todos haviam medo e ninguém lhe ousava falar, porque era tido por deus da água e da saúde. Mandeí-o buscar e trouxeram-no atado. Quando vi, fiquei atônito e todos pasmaram de ver cousa tão disforme. Vinha vestido como sacerdote da Lei Velha, com uma caraminhola⁶ feita de seus próprios cabelos, com tantos e tão compridos michembos (sic) que parecia mesmo o diabo. Em chegando, lhe perguntei se era homem ou mulher, mas não quis responder a propósito. Mandeí-lhe logo cortar os cabelos que faziam vulto de um velo de lã, e tirar os panos com que estava vestido, até o deixar em trajes de homem. *Aí ele confessou que nascera homem, mas que o demônio dissera a sua mãe que o fizesse mulher, senão havia de morrer e que até agora fora mulher*, mas que daqui por diante, pois lhe dizia a verdade, queria ser homem. É já tão velho que tem a barba toda branca o qual trazia raspada”⁷⁷.

Embora esse cronista jesuíta não informe o nome nativo como era identificado essa categoria de feiticeiro-invertido sexual, tudo leva a crer que se tratava de um *quimbanda*, a menos que houvesse em Angola mais de uma “quadrilha de feiticeiros” que viviam como se fossem mulher. Ao ser obrigado *manu sacerdoti* a abandonar o papel de gênero feminino, no qual vivera como uma espécie de *berdache*⁸ desde tenra idade, os colonizadores transmitem e impõem aos nativos o preconceito judaico-cristão que tratava como mortal abominação “o homem que dormir com outro homem como se fosse mulher”, assim como a prática do travestismo⁹.

Para o século XVII, dispomos da descrição de dois autores italianos que confirmam inequivocamente a existência de uma subcultura homoerótica nativa em Angola no século XVII comandada pelos Quimbandas.

O primeiro é o frade capuchinho Giovanni Antonio Cavazzi de Montecuccolo (1621-1678) em seus dois volumes do livro *Istorica Descrizione dé tré Regni, Congo, Matamba et Angola*, cobrindo o período de 1645-1670¹⁰. Ao todo, viveu 17 anos em Angola. Eis seu relato escandalizado sobre os *quimbandas* no início da segunda metade do Século XVII:

“Entre os feiticeiros, um há que não mereceria ser lembrado, se esta omissão não prejudicasse o conhecimento necessário que eu, por meio deste escrito, pretendo dar aos missionários. *Chama-se nganga-ia-quimbanda, ou ‘sacerdote chefe do sacrifício’.* Este homem, tudo ao contrário dos sacerdotes do verdadeiro Deus, é moralmente sujo, nojento, impudente, descarado, bestial e de tal modo que entre os moradores da Pentápolis teria o primeiro lugar¹¹. Para sinal do papel a que está obrigado pelo seu ministério, veste fato e usa maneiras e porte de mulher, chamando-se também a ‘grande mãe’. Não há lei que o condene como não há ação que não lhe seja permitida. Portanto, fica sempre sem castigo, embora abuse sem embaraço de sua impudência, tão grande é a estima que por ele o demônio inspira! Por isso são julgados favores os mais manifestos ultrajes que ele faz à honra dos casados ou às concubinas dos mais guardados haréns. Este embusteiro distribui, ele também, cinturas para diversos usos supersticiosos. Além disso, quando há sacrifícios, cobre os ombros com peles de leão, tigre, lobo ou doutra fera e pendura nelas umas sinetas chamadas *pamba*. Outras vezes, conforme a variedade das funções, veste um tecido de folha de *mbondo* (baobá), enfarinha todo o rosto, pinta-se com varias tintas e ostenta orgulho com semelhantes porcarias. Oferecendo o sacrifício propriamente seu, mata um galo, uma serpente e um cão. Então um dos presentes, levando às escondidas a cabeça do cão, corre a escondê-la num buraco. Depois pede ao feiticeiro que a descubra, e se este não se demorar muito na descoberta, fica enormemente conceituado, como se estivesse em continua comunicação com os espíritos. Todos então o proclamam superior aos demais feiticeiros, chamando-lhe *nganga-ia-quimbondi*. Quando este feiticeiro morre, o mais ancião da seita deve convocar todo o povo para celebrar o seu funeral. Durante a noite, já que esta é propícia para ocultar suas torpezas, devem estar presentes só os inscritos na seita, sendo proibida a presença de outros. Levam então o cadáver para o interior de uma mata e depois de diversas cerimônias execráveis, que alguns dos recém convertidos me revelaram, mas que eu não posso descrever pela sua desonestidade,

enterram-no numa cova muito funda. Antes disto, porem, o seu sucessor manda que lhe seja tirado o coração e as entranhas e lhe cortem as extremidades dos pés e das mãos, que eles depois vendem aos pedacinhos, como coisas sagradas e por grande preço. Pela autoridade que gozam todos esses *naganga*, não há jaga, quer capitão na guerra, quer chefe de aldeia em paz, que não procure guardar algum deles consigo, sem o conselho de aprovação do qual não se atreverá a exercer nenhum ato de jurisdição nem a tomar qualquer resolução”.

O segundo relato é do Capitão Antônio de Oliveira Cadornega em sua antológica *História Geral das Guerras Angolanas (1681)*. Por ter vivido quarenta anos na África Portuguesa, seu testemunho tem boa credibilidade além de ser menos moralista que seu conterrâneo capuchinho. Diz ele: “Há entre o gentio de Angola muita sodomia, tendo uns com os outros suas imundícies e sujidades, vestindo como mulheres. Eles chamam pelo nome da terra: *quimbandas*, os quais, no distrito ou terras onde os há, têm comunicação uns com os outros. E alguns deles são finos feiticeiros para terem tudo mau e todo o mais gentio os respeita e os não ofendem em coisa alguma e se sucede morrer algum daquela quadrilha, se congregam os mais a lhe vir dar sepultura, e outro nenhum lhe bole, nem chega a ele, salvo os daquela negra e suja profissão. E quando o tiram de casa, para o enterrarem, não é pela porta principal, senão abrem porta por detrás da casa, por onde saem com ele fora, que como se serviu pela do quintal, querem que morto saia também por ela. Esta casta de gente é quem os amortalha e lhe dá sepultura. E não chega outro nenhum a ele como dissemos, que não seja de sua ralé. Andam sempre de barba raspada, que parecem capões, vestindo como mulheres” (CADORNEGA, 1942, p.259).

Estes quatro relatos se complementam, sem contradição, confirmando alguns aspectos cruciais para a reconstituição da história dos quimbandas: que havia em “Angola muita sodomia”, existindo mesmo um grupo de finos feiticeiros que gozavam de muita autoridade, superiores aos demais, respeitados por todos e chamados de ‘*sacerdotes chefes do sacrifício*’; que viviam como publicamente como invertidos sexuais, usando roupas, ostentando maneiras e porte de mulher, “sempre de barba raspada, que parecem capões”, recebendo mesmo o nome de ‘*grande mãe*’; que eram inveterados praticantes da sodomia, pois “na Pentápolis teriam o primeiro lugar”, mantendo relações entre si, inclusive nos seus concorridos funerais; que se tratava de um grupo ultracorporativista, referido como “quadrilha”, “seita” e “ralé”, proibindo-se a presença de não iniciados em suas celebrações secretas.

Mesmo podendo se argumentar que se tratava de homossexualidade e travestismo rituais, não há qualquer referência que os quimbandas mantivessem fora de sua “seita” qualquer relação heterossexual – e convém recordar o acima

dito, que o primeiro quimbanda do Novo Mundo, Francisco Manicongo, não só se vestia como mulher, como “tinha fama entre os negros desta cidade que é somítigo e fazia o dito pecado com outros negros...”.

O importante destes relatos é insistir no respeito, temor mesmo, da população tribal *vis-a-vis* esta ralé de “capões”, e a desenvoltura do quimbanda em usar e abusar de seu poder, conforme afiançou o Padre Cavazzi: “Não há lei que o condene como não há ação que não lhe seja permitida. Portanto, fica sempre sem castigo, embora abuse sem embaraço de sua impubescência, tão grande é a estima que por ele o demônio inspira!”.

2 FEITICEIROS E FEITIÇARIA EM ANGOLA

Na Torre do Tombo localizamos alguns documentos e processos que descrevem com detalhes os rituais praticados pelos naturais de Angola nos séculos XVII e XVIII:

• 1614-1635: Ritos Gentílicos de Angola

1) “O juramento de GOLUNDO próprio dos negros e consentido e ainda aconselhado dos brancos, em especial dos filhos da terra a fim de saberem quem cometeu ou não algum delito”.

2) O QUIMBANDO de que usam mulheres a fim de descobrir os futuros contingentes em que certamente se dá pacto implícito ou explícito.

3) Quando foge algum escravo, se sabem a porta por onde fugiu, usam de certas medidas de cordéis e dentro dos dias falhados se recolhe o dito escravo à casa dos senhores.

4) Os TAMBAS dos defuntos dos negros da cidade em suas senzalas, consentindo os brancos, estão juntos com seus atabaques e engomas e outros instrumentos com grande estrondo, comendo e bebendo e coabitando indiscriminadamente, em o qual se acha sempre um feiticeiro que finge várias práticas que tem com o defunto e nisto se acham alguns brancos afim de luxúria.

5) A circuncisão dos pretos, posto que filhos de pais batizados, tanto sem serem circuncidados, não podem nem consentem as negras com eles habitação carnal.

6) Adoração do demônio em figura de bode a que chamam CAÇUTO a que se juntam muitos de noite num grande estrondo de atabaques em suas senzalas.

7) Várias imagens a que chamam QUITEDES a que dão culto dizendo este é meu filho, este é meu pai, este é meu irmão, etc e como a vivos oferecem sustento.

8) Várias superstições a que chamam GUINGILHAS que dizem lhe puseram

seus pais e consistem em não comer isto ou aquilo ou o não tocar e se acaso o fazem, ou morrem logo ou ficam aleijados dos pés e mãos e o pior é que assim sucede.

9) Várias feitiçarias a que tudo chamam GANGANZAMBES a fim de matarem ou darem vida: de atraírem ódio ou amor, e nisto entram muitos brancos filhos da terra.

10) Várias curas AMBUNDAS que não podem efetuar-se se não por arte mágica ao que os brancos dão muito crédito e consultam os negros para que os curem e estes para simularem sua mágica, usam de algumas coisas naturais proporcionadas ao tal efeito, mas sempre com certo número e cerimônias¹².

• **1716: Luanda, Angola**

Frei Lourenço de Lucca, capuchinho italiano, Prefeito das Missões e Comissário do Santo Ofício, denuncia que “há aqui nesta cidade de Luanda uma casa de sinagoga onde se circuncidam as crianças assim dos brancos como dos pretos. Quase todas as mulheres brancas e pretas nas suas doenças vão buscar feiticeiro que com suas diabólicas feitiçarias lhes alcança saúde do diabo”¹³.

• **1716: Denuncia contra Antônio Aquizanga, preto, feiticeiro e D. João Mussungo, Soba, capitão, Luanda, Angola**

Diz que o coronel Pedro Borges Madureira, morador em Luanda, casado, natural do Algarve chamou a sua casa um preto gentio, feiticeiro e “the dera juramento de BOLLUNGO, em cujo juramento se sacrificava ser o achaque de zumbi” e que trazia consigo certos feitiços como uns BANBIS, que são uns chifres pequenos de corsa recheados de venenos”. Que os negros fazem “Juramento ambundo e de Bollungo” e padecem de “enfermidade de zumbi”. Que o malefício foi feito trazendo o feiticeiro um cágado e um sapo debaixo de seu casaco e que trazia seus medicamentos de muitos feiticeiros de Luango por isto não temia e que “tinha dois xilles de velhacarias e aromas ambundas” e que se lavava o rosto com água de uma panela com uns paus dentro. Chama o preto feiticeiro para adivinhar a enfermidade que tinha. O Sova Dom João Mussungo pegou dois galos diabólicos por artes mágicas e os puseram no seu terreiro para que brigassem para saber qual deles podia mais que o outro. O feiticeiro chamava-se Antônio Aquizanga, “era um quimbar”. Acusa o Capitão de ter mandado matar uma negra e tirar o filho do ventre para fazer medicamento e se curar, e que ao dar juramento de Bollungo, mandou jogar dois negros no rio com uma pedra no pescoço. Um dos negros mortos chamava-se Curanguella: “os dois negros vinham caindo de bêbados do Bollungo”. Mandou dar Bollungo para ver se sua amiga Polônia estava amancebada.

O capitão mandou enterrar um moleque vivo para sempre ser vencedor de seus inimigos. É acusado de realizar Semana Santa em seu alpendre e blasfemar.

3 FEITICEIROS DE ANGOLA NA BAHIA

Resumimos a seguir os documentos por nós encontrados nos arquivos da Inquisição Portuguesa relativos à presença de feiticeiros/sacerdotes oriundos do antigo Reino de Angola atuando na Capitania da Bahia de Todos os Santos:

• **1646: Domingos Umbata, angola, forro, ex-cativo de um capitão de Porto Seguro, Bahia, feiticeiro**¹⁴

“Com uma tigela grande cheia de água, com muitas folhas e uma cascavel, um dente de onça, viu a testemunha algumas negras que se estavam lavando naquela tigela para abrandar as condições de suas senhoras” e outra noite foi à sua casa, pela meia noite ver “uma grande bula e matinada com muita gente e ele só falava língua que ele (o denunciante) não entende”. Na tigela com água punha também carimã, com a qual fazia uma cruz e círculo à volta, depois botava-lhe uns pós por cima e a mexia com uma faca e ficava fazendo como se estivesse ao fogo e inclinando-se sobre a tigela, falava com ela, olhando de revés para as negras presentes em sua língua.

Salvo erro, esta é a descrição mais antiga sobre uma seção de “calundu” dirigida por um sacerdote de Angola: 1646. Essa “uma grande bula e matinada com muita gente” pode ser perfeitamente entendida como uma “roda de inquite”.

Para o século XVIII, localizamos duas referências a práticas mágicas e divinatórias realizadas por negros angolanos onde já se percebe a inclusão de elementos católicos no sincretismo religioso afro-brasileiro:

• **1758: Manoel e João, angola, pretos, escravos do Convento dos Capuchinhos da Piedade, Salvador, Bahia**¹⁵

Denuncia Frei Pacífico de Assis que os dois denunciados traziam uma bolsa com um pedaço de corporal e sanguíneo.

• **1761: Capitão João Alves, angola, morador em Pirajuaia, Porto da Telha, Bahia**¹⁶

O adivinhador Capitão João Alves, angola era procurado por muita gente quando esteve atendendo em uma casa no Areal de Cima, (“areal primeiro de

São Bento”) “para dar ventura a mulheres”; previa que a nau de guerra chegaria antes do estruendo com o governador e foram adivinhados muitas outras coisas e “muita e demasiada gente concorre de dia e muito mais de noite, até meia noite, em procura do dito preto”. Adivinhava na mão direita com um lenço as pessoas ausentes e na esquerda com dois vinténs, as presentes, como era público e notório. E um branco mercador Paulo de tal, morador na frente da Misericórdia, testou as adivinhações, mandou dois lenços ao preto, um seu e outro de sua mulher e ele adivinhou qual era o da mulher e disse que estava cheia de malefícios.

4 FEITICEIROS DE ANGOLA NAS CAPITANIAS DE MINAS GERAIS, PARAÍBA, PERNAMBUCO, LISBOA

O documento mais informativo até hoje encontrado sobre um “calundu angola” no Brasil Colonial nos remete a Minas Gerais, no ano de 1739. Por sua riqueza de detalhes e ancestralidade, merece transcrição mais alongada.

- **1739: Luiza Pinta, natural da cidade de Angola (São Paulo de Luanda), forra, ex-escrava de Manuel Lopes de Barros, moradora em Sabará, Minas Gerais**¹⁷

Denunciante: Antônio Leite Guimarães, morador no Córrego dos Cordeiros; João do Vale Peixoto, morador na Roça Grande; José da Silva Barbosa, natural da cidade do Porto, negociante em Sabará. Autoridade Inquisitorial que recebeu a denúncia: Comissário Manuel Varejão Távora. Descrição: Segundo o primeiro denunciante, Luzia Pinta “é conhecida por toda vizinhança da Vila de Sabará e freguesia de Roça Grande como calunduzeira, curandeira e adivinhadeira”. Luzia realizava suas seções de calundu tanto em sua própria residência como nas casas de seus clientes, sempre auxiliada por duas negras-angolas e outro negro de etnia não revelada, todos os três seus escravos. Segundo alguns moradores da região, Luzia “vestia-se com certos trajés não usados nesta terra... Vestida à moda de anjo, trazia na mão uma fita larga, amarrada na cabeça e arcadas, as pontas para traz... Vestia várias invenções, à moda turquesa, com trunfa¹⁸ a modo de meia lua na cabeça e com um espadim na mão...”. Além deste espadim, alguns moradores viram um alfanje¹⁹ ou uma machadinha, agitando tais instrumentos enquanto seus pés e braços marcavam o passo com cascáveis²⁰. Usava também na cabeça uma grinalda de penas, ou um penacho nos ouvidos. As cerimônias do calundu demoravam em média duas horas: num canto da sala lá estava armado “um altarzinho com seu dossel”²¹ e debaixo deste espaldar²², uma cadeira onde Luzia ficava. Inicia-

vam a cerimônia “tocando tabaque, que é um tamborzinho caizini [sic], tocando e cantando até ela ficar fora de seu juízo, falando cousa que ninguém entendia. Após algum tempo de frenética dança Luzia “colocava um penacho de várias cores no ouvido e então é que dizia que os ventos de adivinhar lhe entravam pelos ouvidos”, começando a partir daí o ritual de curas. João do Vale Peixoto diz o que viu quando participou desse calundu: “Sentada debaixo do dossel, com um alfanje na mão, ela fazia zurradas à maneira de burro, e posta no meio do dossel, mandava tocar atabaques por suas pretas e pelo preto, e tanto que se desentoava no toque e canto, dava saltos como cabra, e passava nesta forma uma ou mais horas. [Então] lhe despertavam as pretas cantoras uma cinta que tinha apertada na barriga, com a qual fazia vários trejeitos, e então dizia que lhe chegaram os ventos de adivinhar, e cheirando às pessoas que ali estavam, àquele que lhe parecia dizer [que] tinham feitiços, lhe atirava certos pós e ficava outra vez zurrando como burro. E para se aquietar e sossegar, era preciso que as pretas batessem em sua boca e no sobrado [?], zurrando também como burros”. Outras pessoas referem-se aos sons provocados por Luzia quando possuía, como “algazarras e bramidos horrorosos”. Ao curar Antônio Leite Guimarães, deitado na própria cama em sua casa, “falava Luzia com suas pretas, e depois, saiu para fora muito brava, que parecia endemoniada, e trouxe umas folhas do mato e deu a ele, testemunha para se curar”. Outro informante descreveu sua aparência, quando em transe, como “esquipática feição”. Durante o calundu “Luzia dizia que com aquelas danças lhe vêm os ventos de adivinhar, e assim lhe chama pela palavra ventos, e nestas horas fica horrorosas e enfurecida”. Só então – com os penachos nos ouvidos – tinha início o ritual das curas e adivinhas: “tomando uma caixinha ou açafate²³, tirava deste umas cousinhas que chamava seus bentinhos, e os cheirava muito bem... Metia então certos pós na sua boca e na dos circunstantes, dizendo que os queria curar... Dava-lhes também certa bebida de vinhos”. Embriagada por tais porções ordenava “às pessoas que curava que se deitassem no chão, e passava por cima delas várias vezes em muitas ocasiões, fazendo certas visagens de uma invenção que parecia uma canoa ou escaler²⁴ e pegando nele, corria [o escaler] pelas pessoas, fazendo outras visagens”. Diz José da Silva Barbosa que nessas ocasiões, Luzia Pinta ia logo perguntando às pessoas que queriam ser curadas “quanto traziam de ouro para lhe dar”, o que confirma João do Vale Peixoto a quem ela pediu “dezoito oitavas de ouro para os ingredientes da cura, e mais quatro oitavas para fazer as adivinhações”. A fama de Luzia como a principal calundzeira, adivinhadora e curandeira dos arredores de Sabará foi confirmada ao Comissário do Santo Ofício, que a enviou presa ao Rio de Janeiro, sendo embarcada para o Tribunal do

Santo Ofício da Inquisição pela prática de rituais diabólicos. Diante dos Inquisidores confessou que de fato, era procurada em sua casa por várias pessoas, brancas e pretas, que vinham curar-se de várias moléstias, aos quais “mandava tomar certas papas de farinha em que somente misturava raiz de abatua²⁵ e de pau-santo²⁶, e por virtude deste remédio, vomitavam os doentes e se achavam melhores das queixas que padeciam. Disse que não cobrava nada pelo tratamento e que aprendera tal remédio em Angola. Luzia garantiu nunca ter-se afastado da fé católica, nunca ter praticado arte das adivinhas, nem jamais ter feito pacto com o diabo, ratificando que, ao ministrar certas beberagens aos doentes, mandava que as tomassem em nome da Virgem Maria e acrescentado que tais remédios levavam as pessoa a vomitar os feitiços que inadvertidamente haviam ingerido. Acrescentou que, além das referidas papas, cozinhava pedacinhos de pau-santo “e os cozia numa fita com que atava no braço da pessoa que padecia moléstias, para dali em diante lhe não poderem tornar a dar mais feitiços”, tudo isso ensinado pelo preto Miguel, já defunto, quando ainda vivia em sua terra natal. Ao ser perguntada sobre a cerimônia em que dançava vestida de anjo, Luzia confirmou que, ao curar certos vizinhos, fazia um altar encimado por um dossel, trazendo em sua mão um cutelo ou alfanje de ferro e na cabeça um barrete com fita amarrada, começando a dançar “por lho vir nessa ocasião a doença da sua terra, a que chamam calundus, com a qual ficando fora de si, entra a dizer os remédios que se há de aplicar, e a forma na qual se hão de fazer”. Disse mais: “que tudo fazia por destino que Deus lhe deu, e por esta causa é que ela diz e assevera nas ditas ocasiões que lhe vêm os ventos de adivinhar, que Deus Nosso Senhor é que lhe diz o que há de fazer”. Não negou que ao curar, mandava às pessoas que se deitassem no chão, passando por cima delas repetidas vezes, “esfregando-as primeiramente com ervas, por ter isto virtude para lhes lançar fora os feitiços, e no fim deste fato, lhes ata no braço direito uma fita para que lhe não possam de novo tornar a fazer os ditos feitiços, aplicando aos enfermos por bebidas, um remédio que compõe de vinho e do suco de várias ervas que pisa para o dito efeito”. Ao falar sobre o ritual com o escaler, disse que ela própria “mandara fazer uma canoazinha pequena, a qual untava muito bem com umas ervas e depois esfregava com elas o corpo das pessoas para lhe lançar fora os feitiços que padecem, por ser este o fim e a virtude para que se aplica o dito instrumento, e disse mais que ao chegar ao pé dela algum preto que tem feitiço ou cousa diabólica, lhe vem logo a dita doença dos calundus, com a qual fica fora do seu juízo e adivinha logo ter o dito preto a referida mandinga e por esta cousa não pode passar com a mesma por diante dela ré, enquanto com efeito a não vai tirar, e isto faz e adivinha por tino e destino que lhe vem de Deus, e é tão certo

adivinhar ela o referido, [que] perguntando-se aos mesmos pretos se era verdade de terem eles as ditas mandingas, confessaram ser assim como ela disse”. Completou dizendo que ao cheirar as cabeças das pessoas é que reconhecia serem ou não portadoras de moléstias ou feitiços. Ao ser chamada outra vez para falar perante os Inquisidores sobre o vento de adivinhar Luzia assim se expressou: “entendo que essa doença é sobrenatural porque quando me vem, fico parada com os olhos no céu por espaço de tempo e no fim do qual abaixo a cabeça, fazendo cortesia²⁷ e logo olho para os doentes e conheço então os que hão de viver e têm remédio na sua queixa, e também os que não têm, os quais por esta razão, não aceito por meus enfermos e os mando levar pelas pessoas que os trouxeram”. Aí pergunta um Inquisidor “como podia reconhecer que estas curas eram da parte de Deus”, respondeu: “todos esses efeitos provêm de Deus e não do Diabo, por que nas ocasiões em que se fazem as ditas curas, sempre se pedem aos enfermos duas oitavas de ouro, as quais se mandam dizer missas repetidas, a metade para Santo Antônio e a metade para São Gonçalo, e por intervenção destes santos é que se fazem as ditas curas...”. Ao fim dos interrogatórios Luzia foi conduzida à câmara dos tormentos, sofrendo uma sessão de tortura no potro²⁸. Após sofrer os tormentos, Luzia Pinta foi sentenciada à abjuração de leve suspeita de ter abandonado a fé católica, proibida de retornar a Sabará e condenada a quatro anos de degredo em Castro Mearim, no Algarve, após permanecer dois anos nos cárceres do Santo Ofício.

• **1759: Caetano, angola, feiticeiro, Mariana, MG²⁹**

“Curou vários escravos de feitiços com ervas, raízes, cruces e palavras”. Descobria qual negro fizera o malefício pondo-os todos num quarto, fazia-lhes umas cruces em cima e os cheirava e dizia que os secos eram inocentes e os que suavam muito eram os feiticeiros. Foi preso pôr ordem do Vigário Geral do Bispado. Em 1762 o Santo Ofício mandou repreendê-lo, assinar termo de emenda e soltá-lo visto ser patente ter sido levado pôr interesse e embustes. Em 1763, assina auto de repreensão: sobre um missal jurou corrigir-se reconhecendo “o quanto tinha vivido errado... e aceitava o grandíssimo benefício da misericórdia”.

• **1761: Damião, 50 anos, negro, angola, Engenho de Camuratuba, aldeia de Jacoqua, Paraíba³⁰**

Dizia publicamente que dera seu sangue e alma ao Demônio fazendo pacto com ele para que fosse bem sucedido, que o Demônio tirara-lhe o sangue na

ilharga com espada, confirmando o dito na frente de dois padres, sem estar no tronco nem em tormento de açoites.

• **1761: Domingos, congo, Engenho de Camuratuba, aldeia de Jacoqua, Paraíba**

É denunciado que “usava uns pós pretos, amarelos e vermelhos que soprando sobre uma pessoa disse que morria, e que fora o índio Domingos Pereira da aldeia Jacoqua que o ensinara e já matou vários com tais pós”.

• **1762: Bárbara, angola, Ipojuca, Engenho Coité, Pernambuco³¹**

“Faz orações com as estrelas com a qual faz os homens virem para onde ela quer”;

• **Simão, angola, escravo, Engenho do Cabo**

“Faz orações e benzeduras para abrandar o coração dos brancos”

• **1775: Antonio Angola, escravo de Luis Barbosa Lagares, da Paropeba, MG³²**

O “feiticeiro angola” foi chamado para dar fortuna a uma família de portugueses enriquecidos com a descoberta do ouro. Foi tratado “com toda grandeza e estimação quando foi curar-lhe o cunhado, e pelo meio dia saiu o negro pelo Arraial dos Macacos há três léguas da matriz como em procissão vestido com camisa, num surtão vermelho e sobre os ombros como murça coberta de penas de várias aves e matizada com peles de onça, com um capacete na cabeça de variedade de penas, e na mão com um penacho de penas, tocando chocalhos; e o acompanhava um branco levando na mão uma caldeirinha em forma de mão cheia d’água cozida com raízes e ervas que o mesmo negro tinha feito e benzido e com um rabo de macaco hissopavam algumas pessoas e casas onde chegavam dizendo que se deixassem hissopar com ele para ficarem livres de feitiços e terem fartura porque assim assegurava o negro que benzeu a água; e chegando em algumas casas dizia o negro: aqui há feitiços! e batendo com um pau no chão e perguntando-lhe: donde vinham? respondia: lá de cima! dando a entender que vinham da casa de uma inimiga da anfitriã a qual pretendia perdê-la pondo-lhe o nome de feiticeira (por causa de uma herança que disputaram, “e apesar de parda é mulher honrada”). E durante a procissão quando algumas

peessoas diziam ao negro que lhes tirasse os feitiços que lhe haviam de pagar, logo entrava a dizer em voz alta: esmola para o Calundu! e no mesmo tempo hissopava as casas com o tal hissopo de rabo de macaco e muitas pessoas deram esmola ao negro: galinhas, ouro e a mulher de Manoel Lopes dos Santos não tendo ouro nessa ocasião, tirou os brincos das orelhas e os deu ao dito negro...”.

•1775: Domingas, preta, angola, parteira e adivinhadora, Nossa Senhora da Conceição dos Raposos, Sabará, MG³³

Certa mulher branca denuncia que desejando casar-se com um homem, disse-lhe a preta angola, Domingas que “fosse buscar em sua casa uma água para se lavar e borrifar a casa”, acrescentando “achar esta terra grandemente infeccionada de semelhantes sevandijarias, perdendo-se muitas casas com a morte de escravos que ocasionavam estes feitiços...”.

• 1777: Antonio, angola, escravo³⁴

O português Pedro Martins Filgueira enviou ao Tribunal da Inquisição de Lisboa esta declaração: “Manda-me o meu confessor que eu acuse Antonio, Angola, mandingueiro. E eu com ele quis aprender e tive as tais orações em minhas mãos e querendo usar delas não e saiu certo o que elas diziam e assim botei-os fora e de tudo isto me acuso e denuncio”.

• 1777: Gonçalo, angola, forro, do Arraial de São Sebastião, Nossa Senhora do Sumidouro, MG³⁵

Foi denunciado que “aplicou numa menina banhos e bebidas de água benta com pós contra feitiços e logo a doente começou a deitar pela boca e por baixo vários pregos, chaves e fechos de espingarda e outras coisas de estanho, cobre e vários metais, ficando livre da moléstia, fazendo cerimônias uma concha cheia d’água, com pós para adivinhar quem lhe botara o feitiço”.

• 1781: Antonio Angola, preto, Lavras, MG³⁶

“Na Freguesia de Campanha há um preto angola, Antônio, que cura feitiços, adivinha por espelho que trás consigo e trás também uma cruz”; se apresenta como “Antônio Calundu” e adivinhou onde estava uma espingarda roubada, e estava assim concorrendo gente bastante para consultar o tal adivinhador e curador”.

• **1782: Roque, angola, negro/ BRÍGIDA, casada, Itapecerica, Vila de Nossa Senhora Piedade de Pitangui, MG³⁷**

“O denunciado é feiticeiro, pois cozinha num grande tacho certas ervas junto com uma imagem de Cristo de latão que trás no pescoço e nesta água se lavavam e após vestirem a melhor roupa principiavam umas danças ou calundus mandando mãe Brígida a seu filho João tocar uma viola, e o tal negro tocava um adufe (pandeiro) e dançavam com muitos trejeitos e mudanças e davam a cheirar a todos os circunstantes certo ingrediente que tinham em uma folha de flandres e que depois de cheirar, diziam que ficavam absortos e fora de si e ensinava Brígida que as almas dos mortos se introduziam nos vivos que cá ficavam e que a alma de sua filha morta se introduzira no corpo de Roque, por este motivo que amava a Roque e lhe dava de mamar aos seus peitos e o deitava consigo na mesma cama em que dormia com seu marido ficando ela no meio” e ao reclamar o seu pai, Brígida dizia que se Roque não deitasse em seu peito haveriam de padecer grandes dores. E que o negro mandava sua mãe banhar-se nua num córrego na frente da filha dele, Jerônima, de treze anos e Romana, filha dela; que Brígida certa vez passara a mão no corpo de um recém-nascido meio morto e ele logo renasceria. Que levava o Cristo e o Santo Antônio ao mato para fazer penitências” e acompanhando-os certa vez o marido “lhe deram muita pancada”; disse que o “calundu era o melhor modo de dar graças a Deus” e que Brígida dizia ser o “anjo angélico e que tinha poder do Sumo Pontífice para casar e descasar”. E “estando nesses calundus ou danças apartava de seus maridos algumas filhas suas que com a mesma moravam dizendo que era da vontade de Deus e para os calundus convidava a todas pessoas que com Brígida moravam na fazenda e se alguma pessoa disto se escusava, lhe dava a cheirar e lhe chegava aos narizes uma erva com a qual ficavam absortos e fora de si e esquecidos das obrigações de católicos e entravam na mesma dança”.

• **1758: Francisco, nação angola, escravo de Manoel Bernardes de Cristo, morador na Vila de São João Del Rei, MG³⁸**

“Francisco cura feitiços dando remédios pela boca e vomitam imundícies; com alguidar com água adivinha os feiticeiros. Em um quarto retirado” “tirou da algibeira uma caixinha redonda e abrindo-a, a pusera no chão e num papel escrito como em grego, uma pedrinha começou a bulir “a andar em redor” conversando com a pedrinha, (que era do tamanho e jeito de uma unha) que respondia

com sinais de sim e não. Disse que um doente ia lançar fora os feitiços naquela noite e começou “a untar-lhe a garganta com unguento que trazia de uma caixinha e tirou uma bolsa encarnada que trazia no pescoço e colocava no pescoço do homem mas primeiro a borrifou com aguardente de cana, tirou outra caixinha redonda e começou a fazer várias cruzeiras sobre a cabeça do homem e a esfregar-lhe muito o pescoço e garganta por três horas sempre abrindo a caixinha, falando em Deus e vários santos como exorcismo e meteu a mão na boca e com os dedos pela garganta abaixo, tirou um novelo de lã de ovelhas de toda qualidade, unhas e bicos de pássaros e depois de quinze dias estava são. Várias testemunhas assinaram este sumário, dizendo que vinham negros e negras pedir que os protegesse de feitiços “e a cura era fazer-lhes quatro feridas, duas nos braços e duas nas pernas e destas lhes tirava o sangue e antes que os ferisse, lhes dava uma bebida que ficavam atordoados a modo de bêbados, em muitos vi sair destes com as quatro ligaduras nos braços e pernas ensangüentados e caindo como bêbados.

• **1772: Francisco, preto, de nação benguela, escravo de Ana Maria de Santa Rosa, morador na freguesia desta cidade de Mariana, Arraial de São Sebastião, MG³⁹**

Descrição: “A minha presença veio um preto por nome Francisco e por ele me foi dito que como verdadeiro católico e filho da Santa Madre Igreja se vinha denunciar que achando-se uma ocasião no Arraial de São Sebastião, termo desta cidade, e tendo notícia que vários negros e negras estavam fazendo batuques em uma paragem fora do arraial, e por sua curiosidade foi ver as tais danças e viu que o autor das danças era o negro Felix, Cabo Verde, e que entrou a fazer calundus por arte diabólica fazendo perder os sentidos a uma negra, Maria Angola, escrava de uma mulata, a qual caiu como morta e o tal Felix falava que as almas da Costa da Guiné eram as que falavam dentro daquela criatura e chegando a ele o tal Felix perguntou a ele denunciante se tinha alguma moléstia no seu corpo ao que lhe respondeu que sentia umas picadas e lhe disse que aquelas picadas lhas faziam as almas da Costa, e que tornasse lá outro dia para o curar, e com efeito foi e achou as mesmas danças de *calandus* e Felix foi buscar umas ervas e com elas fez umas esfregações no corpo dele e lhe fez perder os sentidos e a vista dos olhos e ouvir dentro do espaço de meia hora e que se não lembra o que fez neste tempo com a tal diabrura porém nunca mais se quis achar o tal ato e se retirou abominando aquelas cousas das quais tem se arrependido...”. Que Felix, por causa desses *calandus*, já foi preso pelo Capitão de Orde-

nança e que o mandou para a conquista do gentio por ordem do Governador das Minas “e que ele ensinou aos outros várias adivinhações”.

• **1774: Domingos, preto, angola, escravo de Manoel Carvalho, Mariana, MG⁴⁰**

Confessou “que quando estava em sua terra via aos outros negros fazer várias cousas de superstições, como era que estando a gente com doença grave lhe falava dentro do corpo uma voz dizendo que era a alma de fulano, e fazendo os circunstantes algumas perguntas, dizia que queria levar o fulano, e algumas vezes sucedia que morria e lá lhe iam fazer perguntas e falava aquela voz e que julga o denunciado que era o Demônio, porque quando a dita voz dizia que queria levar o fulano, e lhe prometiam fazer as suas festas, escapavam e não morriam. E que ainda nesta terra, pelo mais abuso da sua, tem ele denunciado usado de algumas perguntas aos negros doentes imaginando que as almas dos outros negros se vinham meter neles mas que nunca nesta terra lhe falou voz alguma como sucede na sua terra; e que também tem feito algumas curas a doentes conforme o estilo da sua terra e que promete não tornar a cair em semelhantes erros e me pediu lhe trouxesse a sua denúncia que assinou com uma cruz por não saber ler nem escrever”.

• **1775: Antonio, nação Congo, Mariana, MG⁴¹**

É acusado de dizer que “tinha seu ventos quando dançava e cantava e lhe diziam as queixas e moléstias que cada um tinha e quem lhe tinha feito e o que havia de fazer. Tirava o demônio batendo com um pau e que se metesse num copô e não querendo ir o demônio para o copô, fosse para a cabeça dele”. Usava cascas para fazer esfregações.

Principais revelações dos documentos da Inquisição Portuguesa sobre as Religiões do Congo e Angola no Brasil

À guisa de conclusão, e como sugestão para que outros pesquisadores aprofundem tais hipóteses, arrolamos algumas pistas sugeridas pela leitura destes documentos, a saber:

1) Antiguidade da presença das religiões de matriz angolana no Brasil: data de 1591 a primeira referência conhecida à atuação de um sacerdote “quimbanda”

na cidade do Salvador, cabendo a Francisco Manicongo o equivalente ao título do mais antigo “*Tata de Inquice*” do Novo Mundo.

2) A mais antiga referência a um ritual de origem congo-angola nos remete à classe dos “quimbanda” – apontado pelos documentos como um dos sacerdotes mais respeitados e poderosos dentro da hierarquia cerimonial nativa. Só mais tarde, nos meados do século XVII, que começa a aparecer o termo “calundu” e “batuque” como sinônimo de ritual religioso afro-brasileiro, incluindo genericamente além das cerimônias de Angola, as práticas divinatórias, curativas e cerimoniais das demais nações africanas. Não encontramos nenhuma vez na documentação do Santo Ofício da Inquisição portuguesa o termo Candomblé: Umbanda sim, aparece desde dos meados do século XVIII.

3) Esta amostra documental permite-nos concluir que as práticas religiosas de origem angolana tiveram grande dispersão pelo território brasileiro, iniciando-se na Bahia, mas espalhando-se por outras capitânicas, notadamente em Minas Gerais.

4) A documentação aqui apresentada evidencia como atribuição crucial dos “feiticeiros” e “feiticeiras” bantu, a função de adivinho e curador – sendo poucas, porém importantes, as referências a rituais coletivos.

5) O sincretismo religioso judaico-afro-católico se manifesta em diversas situações concretas, seja na própria África, seja na América Portuguesa: a circuncisão em sinagoga; a utilização do sinal da cruz; o uso de orações e santos católicos, além do sincretismo com outras tradições religiosas africanas.

6) Nota-se também a fraca repressão da autoridade católica face às práticas de “feitiçaria”: são poucas as denúncias que redundam na prisão dos “feiticeiros/as”, não há nenhum africano condenado à fogueira, notando-se maior intolerância dos agentes da justiça civil do que por parte da justiça episcopal ou inquisitorial.

7) Algumas descrições de rituais públicos permitem-nos visualizar o uso de roupas, alfaías, instrumentos musicais e alegorias cerimoniais, incluindo peles de animais, plumas de pássaros, instrumentos e armas, além de unguentos, papas, beberagens e utilização de plantas e outros ingredientes nativos.

8) Observa-se em algumas descrições destas “feitiçarias”, a incorporação do espírito dos mortos ou “vento”, seja no sacerdote, seja nos participantes destes rituais, elemento que a nosso ver faz da tradição religiosa angolana a matriz da Umbanda contemporânea, diferindo neste particular do Candomblé de tradição Nagô.

9) A documentação aqui compulsada revela grande variação das práticas mágicas, rituais e divinatórias destes pioneiros angolanos no Novo Mundo, confirmando a plasticidade adaptativa dos africanos e incorporação de elementos provenientes seja da cultura européia, ameríndia ou de outras etnias africanas.

10) Patenteia-se que a veneração e crença nos poderes da religião de matriz angolana não se restringiu apenas á população negra, já que alguns devotos brancos, portugueses e brasileiros natos, estão incluídos entre os que recorreram aos “feiticeiros” de Angola como adivinhos ou curadores. A vocação universalista das religiões afro-brasileiras já se delineava desde sua instalação no Novo Mundo.

ABSTRACT

This essay aims at spreading twenty unpublished documents that were found at the National Archives of *Torre do Tombo* in Lisbon, all of them referring to the practice of divination, healing and/or religious rituals and ceremonies practiced by the native people from the Kingdom of Angola, Congo and surrounding nations, not only in African lands, but also in the black exile in Portugal and in the New World. As a start, these manuscripts were transcribed and commented briefly since more comprehensive work based on hundreds of practices of witchcraft, including other African ethnic groups, is also available. May this work stimulate other researchers to deepen this source little known so far by the African-Luso-Brazilian historiography.

Keywords: Inquisition. Witchcraft. Kingdom of Angola. Manuscript documents

NOTAS

1 Comunicação apresentada no Seminário Interdisciplinar NZILA KUNA ZAMBI: AS TRADIÇÕES RELIGIOSAS DE ORIGEM BANTU NA BAHIA, Salvador, Casa de Angola na Bahia, 2-4/3/2005, no prelo.

2 “Feiticeiros” era como antigamente eram referidos na documentação religiosa e secular os praticantes de rituais considerados demoníacos pela Igreja, sejam os sacerdotes africanos ou indígenas, sejam os adeptos de tais “heterodoxias” (CALAINHO, 2000).

3 Somítigo, termo popular para “sodomita”, praticante do abominável e nefando pecado de sodomia, o mesmo que homossexual.

4 (*Primeira Visitação*, Denúncias da Bahia, p. 406-407; Mott, Relações raciais entre homossexuais no Brasil Colonial, **Revista de Antropologia da USP**, vol. 35, 1992, p.169-190.

5 Libata: aldeia, povoado.

6 Caraminhola: cabelo em desordem; grenha, trunfa.

7 Brasio, Antonio. *Monumenta Africana*, 1ª série, Academia Portuguesa de História, vol. XV, Lisboa, 1988, p.273, apud Carvalho, Virgílio. “A questão do controlo da terra e da territorialidade no antigo reino de Ndongo”, in *A África e a Instalação do Sistema Colonial*, Centro de Estudos de História e Cartografia Antiga do Instituto de Investigação Tropical, Lisboa, 2000.

8 “Berdache” has become the accepted anthropological term for these roles despite a rather unlikely etymology. It can be traced back to the Indo-European root **wela-* “to strike, wound,” from which the Old Iranian **varta-*, “seized, prisoner,” is derived. In Persia, it referred to a young captive or slave (male *or* female). The word entered western European languages perhaps from Muslim Spain or as a result of contact with Muslims. By the Renaissance it was current in Italian as *bardascia* and *bardasso*, in Spanish as *bardaje* (or *bardaxe*), in French as *berdache*, and in English as “bardash” with the meaning of “catamite”—the younger partner in an age-differentiated homosexual relationship. Over time its meaning began to shift, losing its reference to age and active/passive roles and becoming a general term for male homosexual. In some places, it lost its sexual connotations altogether. By the mid-nineteenth century, its use in Europe lapsed. “ Will Rascoe, <http://www.geocities.com/westhollywood/stonewall/3044/berdache.html>.

9 Levítico, 18:22 e 20:12; “*A mulher não usará roupa de homem, nem o homem veste peculiar à da mulher; porque qualquer que faz tais coisas é abominável ao Senhor teu Deus*” (*Deuteronomio*, 122.5).

10 Cavazzi de Montecúcolo, Padre João Antonio. Descrição Histórica dos três Reinos do Congo, Matamba e Angola (1658), Lisboa, Junta de Investigações do Ultramar, 1965, Volume I, p. 202-203.

11 Pentápolis, as cinco cidades contíguas a Sodoma e Gomorra, símbolo máximo da homossexualidade (sodomia) na tradição abraâmica. Sodom, Gomorra, Segor (A. V., Zoar), Adama, Seboim.

12 ANTT, Santo Ofício, Livro 272, Conselho Geral, fl. 123 e 236, cópias iguais (século XVII).

13 ANTT, Caderno do Promotor, 86, fl.38, Livro 279.

14 ANTT, Caderno do Promotor, 29, Livro 288, fl. 4.

15 ANTT, Caderno do Promotor, nº 121, Livro 313.

16 ANTT, Caderno do Promotor, 125, fl. 143.

17 ANTT, Inquisição de Lisboa, Caderno do Promotor, Processo nº 252 (MOTT, 1994).

18 Turbante composto de faixa ou cinta enrolada, espécie de touca mourisca.

19 Alfange ou alfanje: Espada ou faca larga e curta; cutelo curvo pela cota e convexo pelo fio; Sabre de folha curta e larga.

20 Cascavel: Guizo ou esfera de metal com uma bolinha dentro, que a faz soar.

21 Dossel: Armação ornamental, saliente, forrada e franjada, que encima altar.

22 Espaldar: a parte superior do dossel.

23 Açafate: cestinho de vime de borda baixa sem arco nem azas.

24 Escaler: embarcação pequena de remos.

25 Abatua: ou butua, [Do tupi.] Designação comum a diversas plantas trepadeiras da família das menispermáceas, entre as quais se distingue a *Abuta rufescens*, e cujas folhas têm bases de amônio quaternário, de ação curarizante; abuta, abutinha, butua, butinha, butuinha, caapeba, cipó-de-cobra, grão-de-galo, parreira-brava, falso-paratudo.

26 Pau-santo: há dois tipos de árvore com este mesmo nome, o guaiaco ou mucitaíba (*Zollernia paraensis*) uma Arvoreta da família das gutíferas (*Kielmeyera coriacea*), muito comum nos cerrados. Sobre a magia no pau santo, consulte-se o site http://www.gnosisonline.org/Magia_Elemental/Pau_Santo.shtml.

27 Cortesia: cumprimento, reverência à moda da nobreza.

28 Potro: uma espécie de estrado onde os réus da Inquisição eram deitados, tendo suas pernas e braços atados com oito correias de couro, que iam sendo apertadas, de uma a quatro tratos, de acordo com a gravidade das denúncias e a resistência da vítima.

29 ANTT, Caderno do Promotor, 125 fl. 274.

30 ANTT, Caderno do Promotor, 125, fl. 369.

31 ANTT, Caderno do Promotor, 126, fl. 211.

32 ANTT, Caderno do Promotor, 129, fl. 248.

33 ANTT, Caderno do Promotor, 129, fl. 264.

34 ANTT, Caderno do Promotor, 129, fl. 387.

35 ANTT, Caderno do Promotor, 129, fl.382.

36 ANTT, Caderno do Promotor, 130, fl. 369.

37 ANTT, Caderno do Promotor, 130.

38 ANTT, Caderno do Promotor, 121, fl. 213.

39 ANTT, Caderno do Promotor, 129, fl. 143.

40 ANTT, Caderno do Promotor, n. 129.

41 ANTT, Caderno do Promotor, 129, fl. 270.

REFERÊNCIAS

CADORNEGA, Antônio de Oliveira. **História Geral das Guerras Angolanas** (1681). Lisboa: Agência Geral das Colônias, 1942.

BRASIO, Antonio. **Monumenta Africana**. 1ª série, Academia Portuguesa de História, v. XV, Lisboa, 1988, p.273, apud CARVALHO, Virgílio. A questão do controlo da terra e da territorialidade no antigo reino de Ndongo. **In: A África e a Instalação do Sistema Colonial**, Centro de Estudos de História e Cartografia Antiga do Instituto de Investigação Tropical, Lisboa, 2000.

CALAINHO, Daniela Buono. **Metrópole das mandingas**: religiosidade negra e Inquisição portuguesa no Antigo Regime. Tese (Doutorado em História), Universidade Federal Fluminense, 2000.

MOTT, Luiz. O Calundu-Angola de Luzia Pinta: Sabará, 1739. **Revista do Instituto Artístico Cultural**. Universidade Federal de Ouro Preto, n.01, dez. 1994.